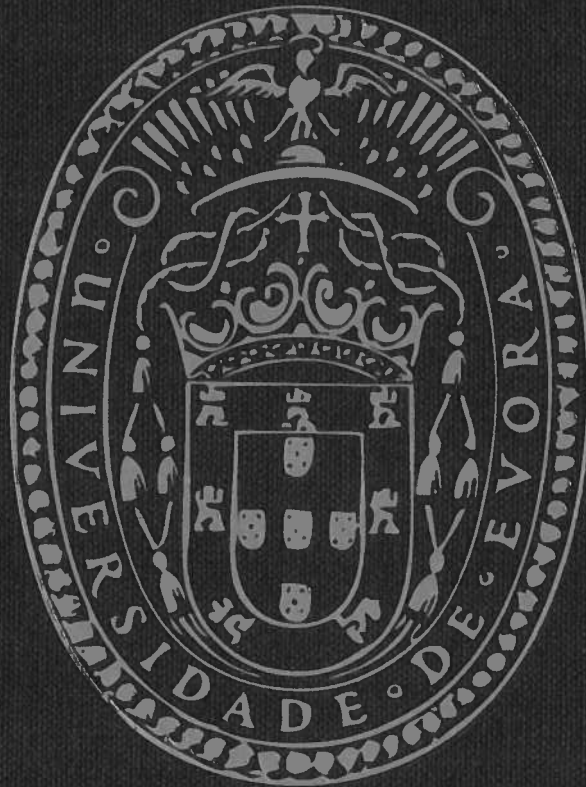


R

EVUE



REVISTA DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA



ANO VI  
N.º 10-11  
ABRIL 2009



# Fundar no ermo

## Descrição histórico-arquitectónica e artística do Colégio e Complexo do Espírito Santo (sécs. XVI-XVIII)

Texto: **Manuel Francisco Soares do Patrocínio**

Universidade de Évora  
Departamento de História  
Centro de História da Arte  
e Investigação Artística

**R**emontam às décadas iniciais do séc. XVI as primeiras notícias referentes a um propósito de instalação de *Estudos Gerais* em Évora, no lugar em que, na verdade, se veio a instalar o Colégio do Espírito Santo, cerne da Universidade a atribuir depois à gestão da Companhia de Jesus, e de que o Reino seria beneficiário. Era ainda o tempo de D. Manuel I que, por volta de 1520, enceta a aquisição de terrenos situados à saída daquela que era conhecida como a *Porta do Moinho de Vento*, à primitiva Cerca, ou seja, o acesso nascente ao alto da cidade. O lado estava dominado pelos volumes da Sé Catedral, e, em proximidade, o emblemático Palácio dos Condes de Basto era, não menos, sobranceiramente tutelar sobre essa parte do horizonte, alicerçado sobre a picada escarpa, onde se disponibilizava uma área considerável. De facto, tendo-se aí iniciado, a área de influência da vida desencadeada pelo fervilhar da futura Universidade chegou às Portas de Machede, tendo em conta a referência a outros Colégios, funcionando como albergues estudantis, e capelas com estreita dependência de congregações e grupos universitários.

Ignorando-se o que entretanto veio a suceder com o eventual edifício dos anteriores Estudos Gerais eborenses, a área do Colégio foi ganha a partir da expropriação, ainda que diplomática e por troca, primeiro com o *Paço dos Camões* (actual Largo da Misericórdia) e, a seguir, com a área do antigo *Paço dos Condes de Sortelha* (actuais Rua de Olivença e Praça de Sertório), da

congregação feminina do *Convento da Ordem do Senhor Salvador do Mundo*. Foi esta congregação instituída também em 1550, tendo sido então vizinha do funcionamento dos primeiros anos da nova Universidade, mas deslocada assim que foi necessário rasgar terrenos para o alargamento do Complexo. Subsistiu, em relação com esta presença, o topónimo da *Rua de Salvador Velho*.

O enquadramento histórico e cultural em que se sucede a fundação da Universidade de Évora será particularmente significativo para o carácter específico da instituição. Desde logo, a importância de Évora como lugar favorito de permanência da Corte e como centro de fomento do pensamento e arte, desde os fins da Idade Média, associou-a às estratégias mais eminentes dos Reis portugueses que, obviamente, incluíam concessão de privilégios e investimentos resultando em obras de vulto que dignificavam a cidade e reflectiam o seu estatuto. Ao nível eclesiástico, como se verificaria com os programas fundacionais e de reconstrução de igrejas ou casas conventuais, decorrentes ao longo dos finais do séc. XVI e séc. XVII, em Évora e seu aro, também se realçaria uma importância não menos assinalável enquanto centro de decisões da Igreja.

Assim mesmo, à reorganização do Estado, tal como a concretizavam decisões de D. Manuel, já quase na posição de Imperador do Mundo graças à extensão do domínio português e ao ímpeto da política cultural renascentista de



HENRICVS  
VSTANIA  
REX VIIIE  
HVS  
GREGII  
PODALIE

D. João III, convergia o protagonismo de D. Henrique (1512-1580), Cardeal e Príncipe de Avis, elevado à dignidade de Arcebispo de Évora, e, por fim, Rei. Após as deliberações do Concílio de Trento (1545) que definiriam o novo papel da Igreja Católica e sua intervenção, tendo como resultado a Contra-Reforma, ao que era a força do Humanismo adicionou-se a determinação religiosa, traduzida em instituições marcantes. Foi com tal qualidade dominante que assim emergia a Universidade que se estabelecia, ao tempo, em Évora, assumindo-se uma postura didáctica e científica apoiada na índole dos cânones modernos, mas dirigindo-se aos propósitos da missão que, de um canto europeu, partia em contingentes organizados para prosseguir na descoberta do Mundo, ao mesmo tempo que firmava a presença cristã.

Após os intentos de D. Manuel I quanto aos Estudos em Évora, D. João III autoriza em 1550 a instituição de um *Colégio*, que lhes daria continuidade, e para o qual prosseguiriam as aquisições de terrenos na mesma zona além do Moinho de Vento e que acompanhavam a Cerca antiga; pouco antes teria Garcia de Resende insistido, junto do mesmo monarca, para que se prosseguisse a implementação dos Estudos Gerais alentejanos, a bem da cidade. Terá sido no seguinte ano de 1551 que um primeiro *Colégio do Espírito Santo* começou a ser edificado. Entretanto, fundava-se, por via de Santo Inácio de Loyola, a *Societá Jesú* que o Papa Paulo III reconhecera, em 1540, como uma importante congregação da Igreja. Logo no mesmo ano, a Companhia de Jesus introduzia-se de imediato no Reino, com o apoio e a instâncias do Príncipe D. Henrique. Também em 1551, para se preparar o que seriam as actividades do recém-criado Colégio de Évora, chegavam os primeiros membros da Companhia de Jesus, que ainda teriam, porém, de se instalar no velho Convento das Maltesas e no Paço Real de S. Francisco.

Em 1553 abre, no Colégio de Évora, a primeira Faculdade, a de Humanidades e Casos de

Consciência. Em 1554, o Prelado D. Henrique decide preparar a instalação de uma *Universidade* no mesmo Colégio, considerando o exemplo de Coimbra. Discute-se, porém, a autoria do projecto para um novo edifício universitário, embora estudos recentes, apoiados num documento precisamente do ano de 1554 relativo a Évora, identifiquem a possibilidade de ter havido um projecto de um Padre arquitecto estrangeiro, Bartolomé de Bustamente, ao qual deram a sua sequência os Mestres associados às iniciativas de D. Henrique: Jerónimo de Torres e Silvestre Jorge e também Manuel Pires ou Afonso Álvares.

Falecendo o Rei D. João III em 1557, a proposta do Cardeal D. Henrique continuaria a granjear o apoio da sua cunhada Regente, a viúva D. Catarina de Áustria. Datada de 15 de Abril de 1559, a bula do Papa Paulo IV consagraria a criação definitiva da *Universidade de Évora*, com o acréscimo de outras Faculdades de Ciências à previamente existente de Humanidades. O próprio Colégio continua a transformar-se fisicamente e chega o momento de se completar a primeira fase de obras quanto à edificação que se iniciara oito anos antes. A 1 de Novembro do ano de 1559 procedia-se, por fim, à abertura solene das Aulas, na Capela universitária, a que é hoje a Sala dos Actos.

No que havia sido um declive de "*terrenos além da Porta do Moinho de Vento*", tratasse-se o lugar de algum ermo fora de muralhas ou, conforme sugestão do próprio topónimo, de terras destinadas à lavra ou a hortas, desenhou-se o volume de um edifício solene e funcional que foi fulcro do que, na prática, se constituiria como uma outra cidade, abrindo-se a vivências do saber e do espírito, e a sociabilidades ainda por recobrar. A nascente do edifício, abria-se a ampla planície do país alentejano, num apelo de carácter deveras contemplativo. O desenho, bem como as formas da construção do novo Colégio do Espírito Santo, são inequivocamente modernas, integrando-se nos programas que, ao séc. XVI, se assumiam como de arquitectura

nova, com carácter racional. Levantada sobre princípios clássicos e normativos, é uma arquitectura inspirada em modelos que facilmente se reconhecem nos livros trazidos de Espanha ou Itália até às mãos dos mais eminentes Mestres-fortificadores do Reino.

Se bem que as notícias tivessem indicado o funcionamento, já em 1536, dos referidos Estudos Gerais de D. Manuel, desconhecendo-se em que espaços, e sabendo-se que a definitiva instalação em Coimbra dos velhos Estudos Gerais de Lisboa, como *Universidade*, decorreria em 1537, as obras de lançamento construtivo do Colégio do Espírito Santo, conformando a segunda universidade portuguesa, não começaram senão mais de uma década depois, noutra reinado e noutras circunstâncias culturais. A vocação religiosa, como pedagógica, do lugar seria porém acentuada nessa mesma zona adjacente à Porta do Moinho de Vento, sendo que foi aí que se proporcionou a fundação de estabelecimentos católicos.

Assinalar-se-iam, então, o futuro *Colégio de N.ª Sr.ª da Purificação* (actual Seminário Maior de Évora) iniciado em 1577, e o *Noviciado* ou *Conventinho do Colégio do Espírito Santo*, habitado a partir de 1567 e reservando-se aos estudantes finalistas que tivessem ingressado na carreira religiosa. Por fim, suceder-se-ia a composição do perfil da Igreja do Espírito Santo, com desenho de 1564, a edificar-se também a partir de 1567, em coincidência com o arranque da quadra do Noviciado, numa construção que veio substituir o que eram, até aí, os primeiros *Aposentos do Cardeal-Infante D. Henrique*, obrigando à sua transferência para outra zona do Colégio.

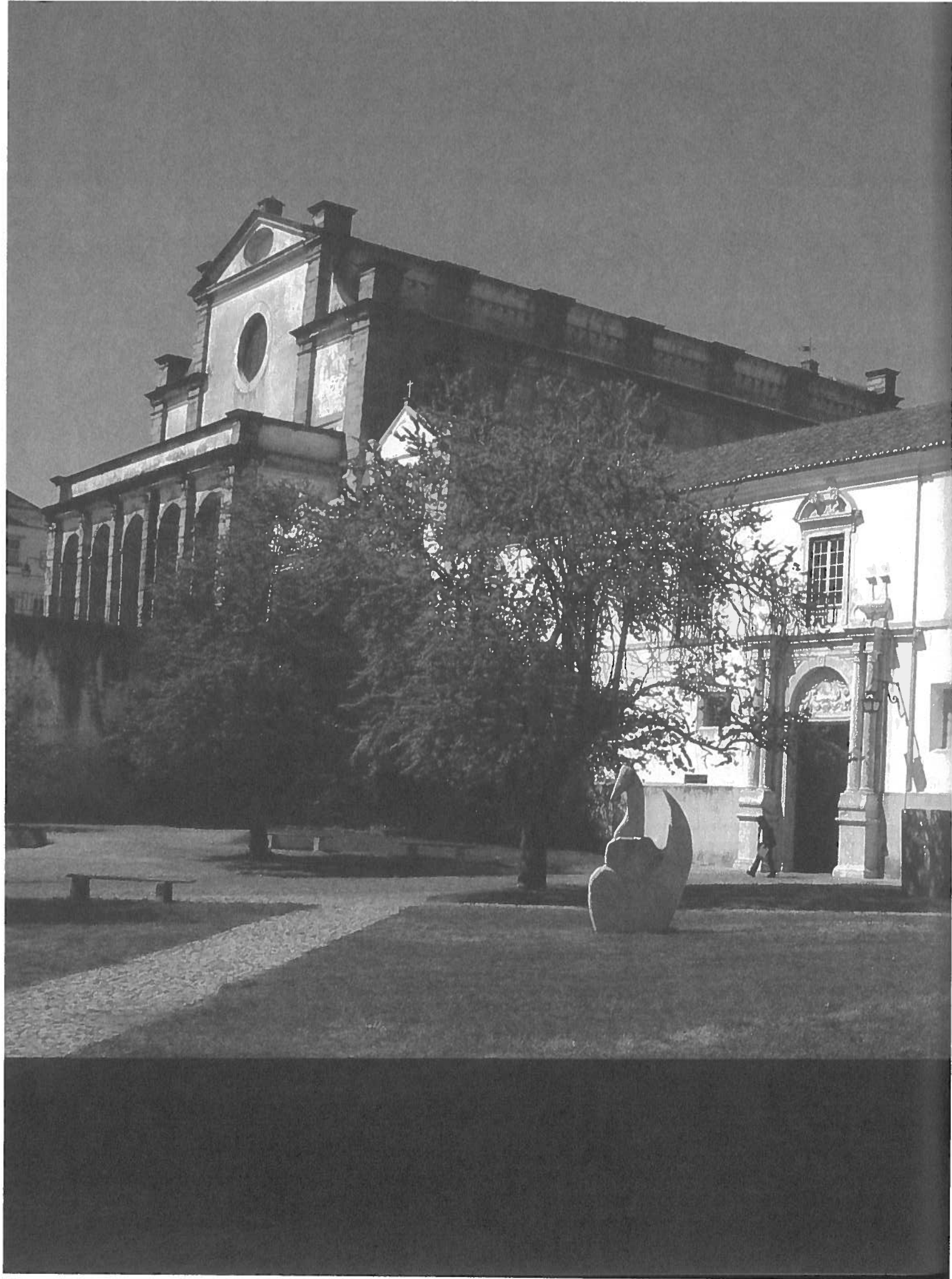
O *Conventinho*, em posição periférica e, como tal, destacando-se enquanto área reservada por se destinar aos professos, no contexto da organização das partes do Colégio, vinha comunicar, por intermédio de um pequeno pátio, com as Sacristias da Igreja do Espírito Santo, restando, do exterior, uma porta com

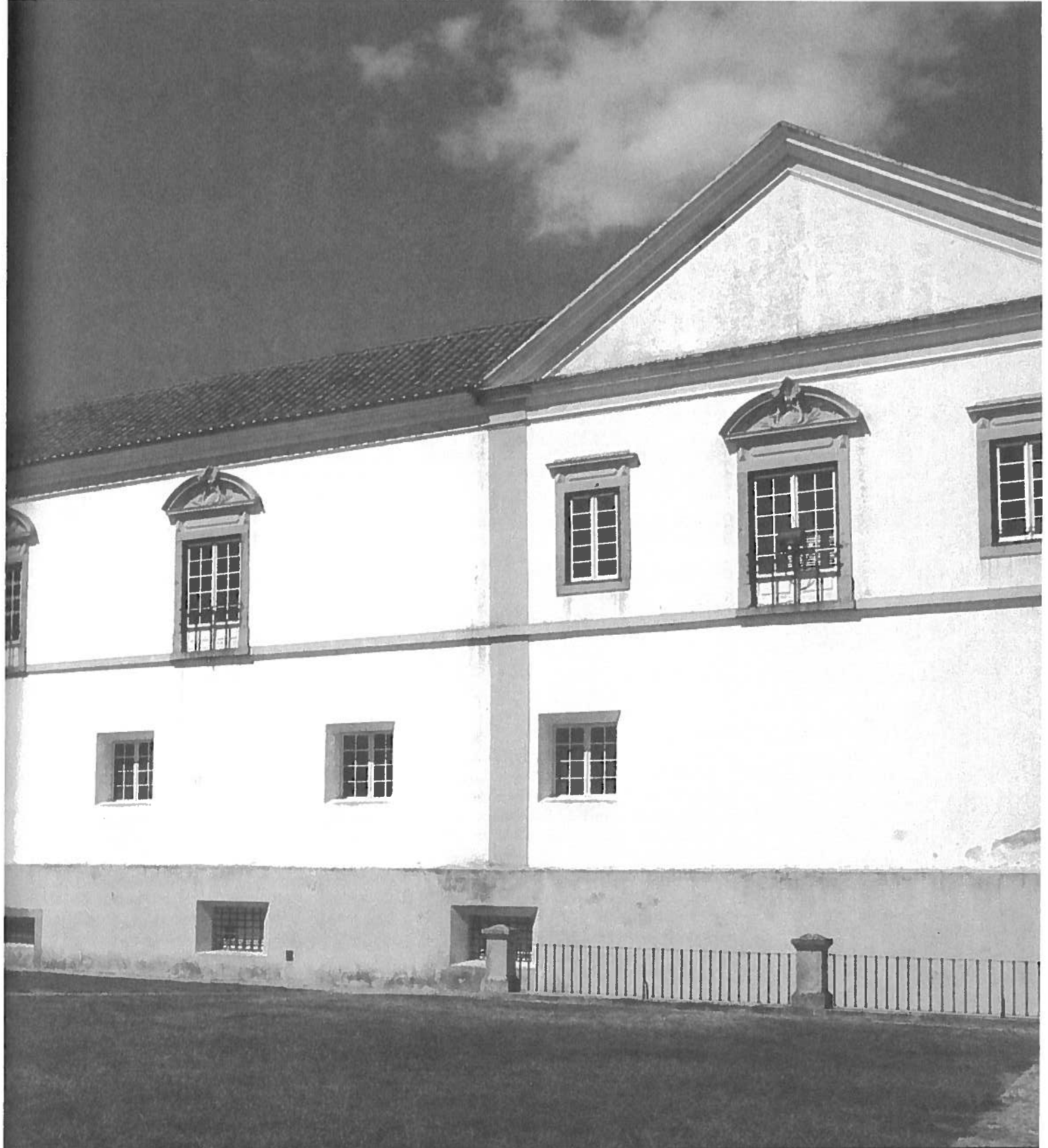
acesso directo a esse mesmo pátio. Este acesso, voltado para a antiga Porta do Moinho de Vento à Cerca Velha, conservou as suas molduras de granito e cimafrente destacada, com o duplo adintelado recolhido do compêndio clássico toscano, sobrepujando-se de cornija em ressalto, conforme formas correntes que seriam predominantes na própria arquitectura eborense de finais do séc. XVI, em sinal distintivo das obras de programa henriquino para o que contribuiu a estruturação do que se pode entender então como o *Complexo do Espírito Santo*.

Finda a longa Era em que os contingentes régios se haviam afadigado na fundação de castelos, de robustas catedrais, abadias e aquartelamentos, chegava uma época em que a imagem dos edifícios se colava a uma estética de aberturas, com amplas janelas a desmaterializarem os pesados aparelhos de calcário ou granito que formavam as cercas e paredes, e emergindo colonatas a definir perímetros ou a postarem-se em beirais de *loggias* e varandas dirigidas à rua. Assim mesmo, o edifício do Colégio do Espírito Santo começou por se concretizar em torno de uma área aberta, designada como *Pátio dos Estudos Gerais*, a que corresponde o que, quotidianamente, se chama *Grande Claustro do Espírito Santo*.

Compunha uma área intermédia entre o acesso exterior e a passagem para as Aulas, sendo que, diante da entrada para o Pátio, estava o *Terreiro dos Estudantes*, actual Largo dos Colegiais e ladeira. Quando, volvidos alguns anos sobre a inauguração do Colégio, a Igreja do Espírito Santo foi, por sua vez, construída, o mesmo Terreiro servia de adro ao templo. Mas seria necessário esperar até aos finais do séc. XVII para que a frontaria principal do complexo universitário, tal como subsistiu, fosse completada, encerrando o *Pátio dos Gerais*, que, até então, não dispôs da sua ala sul. Os elementos classizantes identificam-se, de qualquer modo, ao longo das diversas fases. Arcos e colunas dóricas são documento do primeiro ciclo







O arranjo da parede de frontaria, onde está o Portão da Universidade com acesso ao Pátio dos Estudos Gerais, foi somente definido nos finais do séc. XVII, também da época de gestão do Reitor Manuel da Silva, e de que resultariam as obras para os Aposentos do Príncipe D. José, revelando-o a moldura recurvada que envolve as janelas nobres da fachada

construtivo, que ainda permanece e distingue o prédio universitário, e testemunho de um gesto criativo fundacional no que teria cabido à intervenção de Manuel Pires e Afonso Álvares. Abóbadas com revestimento em emolduramento de caixotões e as duas colunas jónicas, esguias, que antecedem hoje a entrada no Grande Claustro, testemunham, por sua vez, o quadro de uma posterior, mas não menos decisiva, obra de remate.

Ainda quanto aos Mestres Pires e Álvares, estes estavam, efectivamente, não apenas ligados à quase imediata obra adjacente da Igreja do Espírito Santo, como a restantes e significativas obras eborenses do período: a *Igreja de Santo Antão* (à Praça do Giraldo) ou o *Convento de Santa Helena do Monte Calvário* (às Portas da Lagoa). Foram estes Mestres igualmente responsáveis pela aplicação de formas clássicas, de ordem dórica e toscana moderna, em pilares que suportavam paredes ou em emolduramentos que rodeavam janelas, na plena génese do que se chamou o *Estilo - Chão português*, caracterizando os prédios eclesiásticos das novas encomendas dos finais de Quinhentos, e influenciando directamente o próprio desenho urbano de Évora, que se renovava sob a égide do Cardeal-Infante, aliás igualmente ligado à renovação do *Passal da Mitra* e *Convento do Bom Jesus de Valverde* (hoje também propriedade da Universidade), constituindo tais iniciativas um foco da própria transformação da Arquitectura portuguesa

Neste sentido, o Colégio do Espírito Santo assume-se não menos como realização fundadora da nova arquitectura subsequente ao Renascimento; ou seja, integrando-se no Maneirismo e comportando aspectos que serão comuns com a vertente, também própria à arquitectura religiosa nacional, do citado epíteto de *Estilo-Chão* que deriva do mesmo compêndio do pensamento construtivo maneirista, mas em que o formalismo e funcionalidade eram reduzidos ao mínimo essencial, dispensando a decoração mas sem prejudicar a firme concepção dos espaços e a sua elegância, ainda

que austera porque adequada a uma intenção sóbria e respeitosa.

Por isso mesmo, quanto ao aparato final do *Pátio dos Estudos Gerais*, reconhecem-se elementos de uma qualidade acometida mas de sugestão equilibrada quanto à distribuição de linhas com apoio em arcos redondos e suporte em colunas dóricas clássicas, sem ser contudo demasiado estático quanto à colocação de outros elementos. Se bem que as Salas de Aula disponham de poucas aberturas para a entrada de luz, repetindo-se, na própria divisão interior das mesmas, o alinhamento de divisão em arcarias com apoio em colunas de idêntico estilo às que estão de fora, o desenho do Pátio é proporcionalmente largo e simétrico, e a disposição das colunatas comporta uma boa criação de corredores abertos, expostos ao ar e ao efeito da luz natural.

O resultado estético será, enfim, mesclado de elementos, combinando um característico toque de austeridade construtiva com apontamentos tipológicos de efeito pontualmente dinâmico. Ou seja, no piso superior, as janelas em qualidade regular, de molduras rectas, quebram, na verdade, o que poderia ser a monotonia de paredes contínuas, que poderia ter sido trazida pela inspiração das construções religiosas portuguesas do tempo. Enfim, se tal traça não deixa de se reconhecer no Colégio do Espírito Santo, certo é que o andar superior que rodeia o Pátio dos Estudos Gerais adquire contornos de um sóbrio propósito palaciano. De facto, em dois momentos distintos, cada uma das alas que enformam o Pátio, do lado nascente e do lado poente, foi pensada para Aposentos de eminentes figuras da Corte. No séc. XVI, quando da inauguração do Colégio, assistia-se aí ao provisório alojamento do Cardeal-Infante e, nos finais do séc. XVII, ao de outro eclesiástico de sangue real, o Príncipe D. José (1703-1756), filho de D. Pedro II e irmão de D. João V. Este doutorou-se em Teologia nesta Universidade, em Junho de 1735, tendo sido depois nomeado Arcebispo de Braga (em 1736).



Abrindo-se para o Pátio, surgem assim as galerias do andar superior, também estruturadas por apoio em seguimento de colunata, correspondendo, tal como as outras obras do piso térreo, aos finais de Seiscentos. É sabido que datam de 1687, no período do Reitor Manuel da Silva, pouco antecedendo o que se referiu ao arranjo dos Aposentos do Príncipe D. José. Ai, de resto, no que seriam depois as *Aulas de História Natural*, encontram-se os registos de dois programas sucessivos de aplicação de azulejos, em que painéis azuis e brancos, com temática floral de inícios de Setecentos, que renunciavam já o vasto ciclo que enriqueceria todas as salas principais do Colégio durante o Barroco pleno, assentavam sobre bandas de placas diversas indicadas como ainda do século anterior, período a que pertence igualmente a colocação dos *púlpitos* nas Salas de Aula, assentes em robustos embasamentos de mármore branco esculpido.

Foram vários os ciclos de obras que trouxeram, então, ao edifício da Universidade alguns dos seus aspectos mais marcantes. Assim sendo, se o desenho do Colégio remonta à década de 1550, e como tal o foi o afeiçoamento do Pátio, a Igreja só seria edificada por volta de 1570, obrigando a trasladar para o lado oposto as já referidas Câmaras do Cardeal D. Henrique (actual Biblioteca Geral). O arranjo da parede de frontaria, onde está o Portão da Universidade com acesso ao Pátio dos Estudos Gerais, foi somente definido nos finais do séc. XVII, também da época de gestão do Reitor Manuel da Silva, e de que resultariam as obras para os Aposentos do Príncipe D. José, revelando-o a moldura recurvada que envolve as janelas nobres da fachada. Antes disso, em período filipino, há notícia de outro decurso de arranjos, da década de 1620; na *Sala dos Actos*, colocaram-se nesta altura vários retratos pintados de ilustres fundadores, restando somente os dois que se podem apreciar de D. Henrique e D. Sebastião.

No séc. XVIII, já em pleno período do Barroco da época de D. João IV, também quanto à Sala

dos Actos, refaz-se o seu frontispício, com decoração em mármore, reformulando-se molduras e aplicando-se painéis de folhagem decorativa, bem como acrescentando à cima-fronte as esculturas alegóricas e os querubins que ostentam, em emblema de significado profundamente simbólico, o Sol e a Lua. Antes ainda, de 1708 é a data da realização final do tecto da Sala das Belas-Artes, e, de 1718, a data de colocação da fonte ao centro do Pátio, a qual, durante muito tempo, suportou também uma estátua. Durante a segunda metade do mesmo século, completar-se-ia, por fim, o revestimento dos rodapés das paredes exteriores e das Salas de Aula, com os abundantes sentidos narrativos e filosóficos que aludiam ao saber e à sensibilidade.

Apesar das várias intervenções, o Pátio dos Gerais reveste-se de notável homogeneidade tanto em qualidade arquitectónica como visual. Cada um dos elementos que o vieram a compor tem, de facto, a sua cronologia, materializando ideias construtivas e arranjos distintos, o que não desvirtuou o âmbito de realização de uma projecção inicial. O Pátio torna-se, assim, no rosto do próprio Colégio, assumindo-se como a parte que se oferece ao exterior. A aplicação ao Pátio do termo corrente de *claustro* adquire vários sentidos; num entendimento estritamente arquitectónico, começa por ser um *falso* claustro, de certa forma surgindo como contrário à funcionalidade edificada que, segundo a regra construtiva, os claustros detinham na arquitectura monástica tradicional, enquanto áreas encerradas e delimitadas quanto ao exterior. Embora haja, no Colégio do Espírito Santo, princípios reconhecíveis de organização que advêm da concepção dos espaços religiosos, sucede que o Pátio dos Gerais não se oferece à clausura, mas sim à congregação e até à deambulação. É, porém, igualmente correcto que *claustro* vem afinal designar o que fosse lugar de reunião; neste caso, a congregação reunida dos escolares.

Definindo-se esta necessidade, a forma construtiva que se elaborou foi a de um *pseudo-claustro*, mas com forma de pátio aberto, destinado a receber os vindouros, copiando, enfim, formas modernas, como as que se desenvolviam, já no séc. XVI, nas propostas da edificação italiana civil. O que decorre, então, é uma tipologia diferenciada, que não é da arquitectura religiosa ou da palaciana, mas correspondente ao que fosse, para o séc. XVI, uma arquitectura das Universidades e dos Colégios universitários, exprimindo, de algum modo, a importância crescente que na sociedade e cultura da Época Moderna detinham já, e em definitivo, os universitários como grupo significativo.

Outros espaços de pátio, ou *pseudo-claustros*, atrás do Pátio principal, são definidos pelo Pátios *da Botica* e *dos Irmãos*; este também conhecido como *Claustro da Cisterna* ou *da Nora*, mantendo-se ainda à vista o referido poço. Era a partir do Claustro dos Irmãos, o mais oriental, que se acedia à Casa do Lavabo, erguendo-se aí outro fontanário (datado de 1596), e ao Refeitório que ainda guarda elementos originais de Quinhentos: colunas que suportam um prolongado espaço interior; a cobertura azulejar das paredes, de placas com padrão geométrico verde e branco. Antecedendo o Refeitório estava, obviamente, a Cozinha, e do mesmo ponto partia o lanço de escadas conducentes às alas nascente do piso superior.

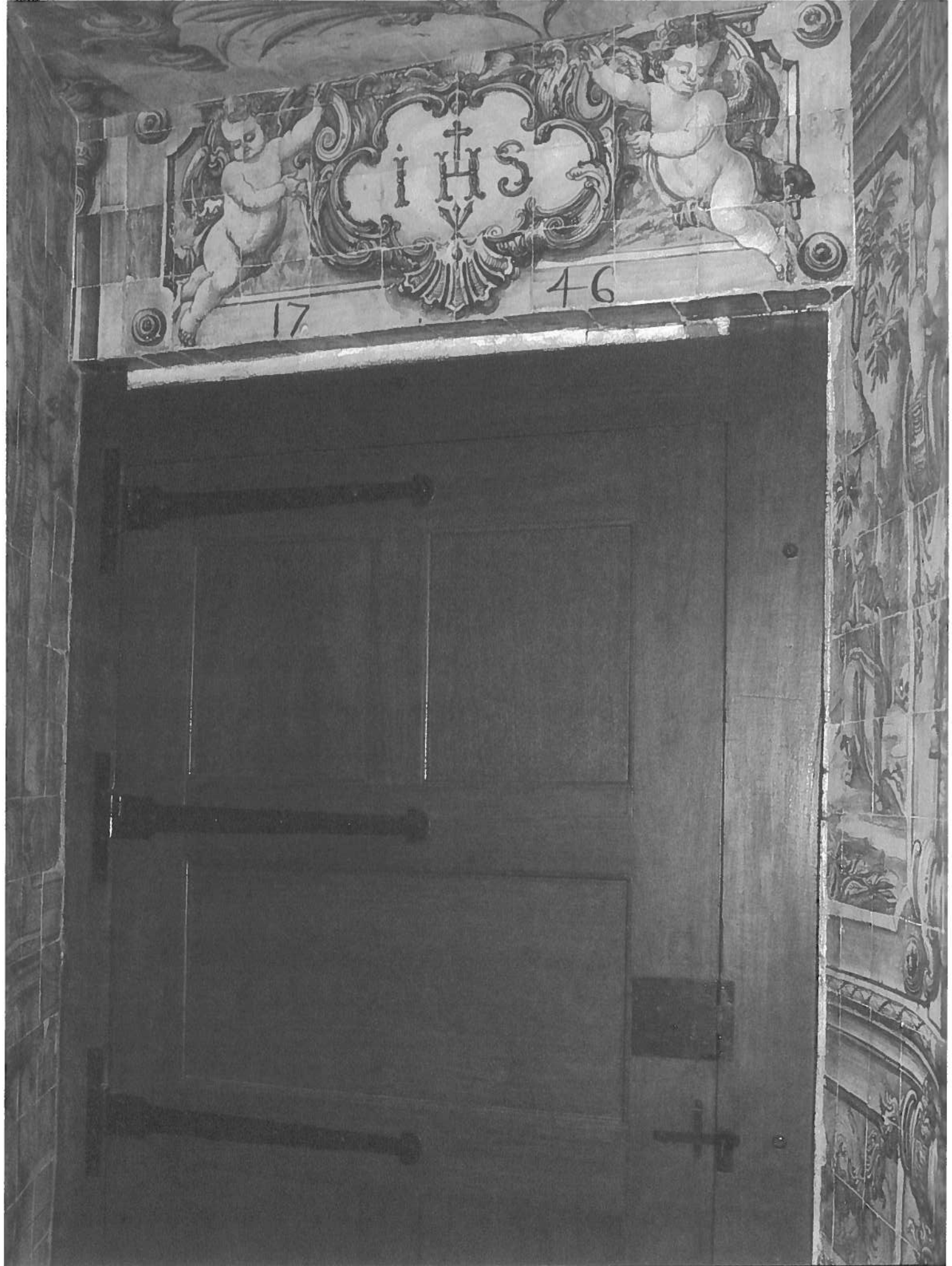
A ocidente, ficava o *Claustro da Botica* (junto da Farmácia do Colégio) que comunicava com o piso do Noviciado ou *Conventinho*. Nesta outra área, precisamente, desenvolver-se-á, encostado à parte topográfica em que se iniciava o declive natural da espalda subjacente ao alto rochoso em que se implantara a velha cerca, o terceiro piso (actual andar da Reitoria), em que se rasgou uma nova porta (a designada *Porta da Reitoria*) que, somente no séc. XIX, se adornou com o portal renascentista que havia sido desenhado pelo eminente artista Nicolau de Chanterenne para a Igreja do Convento de S. Domingos de Évora (e que foi demolido antes

de 1850). O bloco do Noviciado estrutura-se, por sua vez, em torno de um terceiro pátio secundário assente na base natural da encosta nascente da cidade, e que fornecia luz natural para as celas e aposentos aí distribuídos, articulando-se, não menos homogeneamente, com as restantes partes do Colégio, ao inserir-se nos eixos a que correspondem as linhas dinâmicas dos seus amplos corredores abobadados.

As zonas interiores do Colégio acentuam-se, portanto, numa perspectiva plural: cada área tem uma definição de uso que originalmente se diferenciava grandemente, mesmo dentro do mesmo complexo. A planificação inicial foi, assim, determinante quanto ao desenho dos espaços que são, na verdade, diversificados e se distribuíam por áreas destinadas ao ensino, ao estudo, aos aposentos principescos, aos aposentos dos noviços, às salas utilitárias. Uniam-nos os braços dos corredores, alguns juntando-se no ponto do Cruzeiro, também designado como *Panteão* ou *Octógono*, cujos lanços baixos de parede, nas suas linhas de esquina cortada, estão ocupados por registos azulejares (com data de 1740) com o tema das Quatro Essências e sobrepujados por nichos albergando imagens santas. Ao alto destaca-se a torre-lanterna, apenas concluída no Barroco (1723), por indicada autoria do Padre António Franco.

A axialidade dos corredores tem a própria forma da Cruz, e os remates, iniciando-se em portarias, pelas quais se chegava da rua ou dos terreiros, acabam por ser janelas que oferecem a vista do horizonte alentejano. Os blocos do Colégio, unidos também pelas formas arquitectónicas, e que vieram a ser ocupados pelos vários serviços e departamentos da nova Universidade de Évora, construíram-se em torno dos mesmos corredores. No sentido dos cruzamentos dorsais e transversais que percorrem, enquanto linhas dinâmicas, o centro do Colégio, distribuem-se, respectivamente, na direcção norte-sul, os dois corredores *das Visitas* e o *da Laje*, este conduzindo à Biblioteca. Na direcção nascente-poente, alinha-se a grande





17

46

IHS



Após 1578, data da definitiva saída de Évora do Cardeal D. Henrique, chamado a ocupar o trono, os seus Aposentos foram substituídos por outro espaço religioso, a Capela do Cristo Crucificado, terminada em inícios do séc. XVII e presentemente dividida por parede, ocupada por serviços da Biblioteca Geral

Foto: Susana Rodrigues

*Galeria da Tábua*, no qual não só desembocam os corredores citados, como as zonas de escadaria em que se acede do piso inferior para o piso nobre, e onde se situa igualmente o acesso para o actual Piso da Reitoria, actuando assim como o grande ponto de união orgânica das várias partes do Colégio

O primeiro destes dois corredores, o *das Visitas*, abrindo-se a partir da actual Portaria, ocupou o que havia sido a zona dos primitivos quartos do Cardeal-Infante, e destinava-se, conforme o nome, a receber quem não pertencia à Universidade, como parte de um acesso mais público. Do lado que lançava com o Pátio, estavam as Salas de Visitas, que vieram depois a comportar não apenas registos azulejares de padrão azul e branco de Setecentos com temática floral, como o curioso dispositivo formal, disposto ao longo do corredor, de abertura com sistema de arquivolta e arquitrave, assente em pilares, retirado dos compêndios construtivos clássicos-modernos. Há notícia de que esta primeira zona foi somente terminada por volta de 1677, quando foi Reitor o Padre Manuel Luis.

Quanto ao *Corredor da Tábua*, com o qual se toca o *Corredor das Visitas*, terá sido esta galeria traçada ainda no âmbito do arranque inicial do Colégio, cerca de cem anos antes ao da área atrás descrita. Abrindo-se no ponto da actual Porta da Reitoria, conduz-nos ao longo do braço norte do Complexo, levando também à antiga Livraria, bem como ao Pavilhão dos Lentes e à Enfermaria, e terminando no janelão de fachada do prédio nascente do Colégio. Davam para este Corredor as celas ocupadas pelos professores filósofos, diante das quais se dispunha a sala da *Aula de Disputas dos Teólogos* (actual *Sala do Senado*), refeita no ciclo de reparos do ano de 1723, que lhe trouxe novo abobadamento, por sua vez decorado já com pinturas recentes no séc. XIX, contendo apontamentos onde surgem, em cartela redonda, tomadas de vista de monumentos da cidade, enquadradas numa composição figurativa de padrão neo-clássico mas de pendor pitoresco.

Similar interesse de acabamento confere-se obviamente à *Sala de Belas-Artes*, situada ao antigo *Corredor da Laje* que se toca com a *Galeria da Tábua* no lugar do Cruzeiro mas integrando a Livraria. A Sala foi somente composta em 1626 e o seu tecto seria também apenas acabado e pintado no séc. XVIII, em 1708. Virada a nascente, a *Sala de Belas Artes* foi adornada, do lado de fora, com janelas em sacada, que davam para a vista de uma desaparecida ermida que se implantava em pleno centro do chamado *Jardim do Granito*, em obra que provavelmente se correlaciona com o próprio lançamento de muralhas da Cerca Nova que, ainda nos finais do séc. XVII e na sequência da Restauração Portuguesa, veio a encerrar o Jardim, englobando definitivamente à área ocupada pelo Colégio na extensão urbana eborense. Tal Capela foi entretanto demolida para ceder lugar à presente zona de Anfiteatro, obra contemporânea, que alterou também o referido Jardim, ainda que elementos da fortificação seiscentista, como sejam guaritas ou baluartes se viessem a conservar dentro do recinto universitário.

Aspecto curioso do Colégio do Espírito Santo é, com efeito, o que se refere às múltiplas capelas que outrora existiam e que o decurso do tempo se encarregou de fazer desaparecer, sobretudo após o encerramento e secularização da Universidade em 1759. Desde logo, é bem sabido que a primeira *Capela do Colégio*, e onde se inaugurariam, de resto, as próprias aulas universitárias em 1559, se situava no espaço que, logo a seguir, volvidos menos de vinte anos, se transformaria em Sala dos Actos, assim que se tratou da necessidade de se edificar a Igreja do Espírito Santo. Por sua vez, após 1578, data da definitiva saída de Évora do Cardeal D. Henrique, chamado a ocupar o trono, os seus Aposentos foram substituídos por outro espaço religioso, a *Capela do Cristo Crucificado*, terminada em inícios do séc. XVII. Situava-se sobre a frontaria norte, sobre a varanda nascente, que se voltava para o Pátio dos Estudos Gerais, comunicando também por esse lado para o Coro da Sala dos Actos, tendo-se conservado o seu



tecto de madeira, obra de 1716. Comportando ainda, cronografado da década de 1740, um revestimento azulejar na área de intradorso de uma das suas portas que comunicam para a referida varanda, corresponde esta Capela a uma área presentemente dividida por parede, ocupada por serviços da Biblioteca Geral.

Outra desaparecida capela, inserida nas alas a nascente do Colégio, encontrava-se no lado do antigo Pavilhão da Enfermaria, tendo sido consagrada como *Capela de S. Francisco Xavier*, e estabelecida em legado do testamento do Padre Manuel de Lima, datado de 1666. Ficou registo do seu espólio litúrgico e cultural, bem como de um altar de talha com imagens pintadas do Santo.

Também conhecida era a *Capela de N.ª Sr.ª da Modéstia*, anexa ao lado norte do Bloco do Noviciado, que transitava para as vizinhanças do contíguo Colégio de N.ª Sr.ª da Purificação. Subsistiu, de qualquer modo, na ala do lado norte do Cruzeiro em que se prolonga o *Corredor da Laje*, a Capela dedicada a N.ª Sr.ª da Conceição, iniciada em 1641 e sagrada em 1647, no período do Reitor Pedro de Brito, e cujos arranjos prosseguiram pelo séc. XVIII, moldando um espaço interior amplamente decorado. A data de fundação, bem como a sua concepção, constitui esta capela como um dos primeiros riscos de Arquitectura Barroca portuguesa. Conservou os mármore, tendo sido usados, na monumentalização da frontaria que se volta para a galeria, em diversas molduras de combinação colorida, e quanto ao interior, em painéis embrechados, resultado da intervenção de 1723.

A cobertura desta capela compõe-se de uma abóbada com medalhões estucados e assente também em pilastras de estuque. O altar destaca-se da acometida nave, tendo-se esboçado sob uma pequena cúpula, cuja parede de fundo está ocupada por altar com base em banquetas também azulejada – a particularidade destes azulejos que, por serem do séc. XVI, pertencem

a uma tipologia distinta dos revestimentos próximos, reside no facto de terem sido trazidos da referida *Capela de N.ª Sr.ª da Modéstia*, que teria então já desaparecido.

O Complexo do Espírito Santo, enquanto conjunto de corpos construídos que vieram a constituir um colégio universitário, moldou-se assim, e essencialmente, sobre momentos de intervenção localizados ao longo dos sécs. XVI e XVII, que legaram uma marca sobretudo clássica e que cumpriram o eventualmente previsto num plano inicial. As intervenções posteriores, não tendo sido de carácter estrutural, foram, de qualquer modo, significativas quanto ao acabamento estético que distingue a Universidade. Haverá, nomeadamente, a referência aos sucessivos ciclos decorativos, começando, de resto, e pontualmente, ainda no séc. XVI, mas ressurgindo em Seiscentos e tomando plena força ao longo do séc. XVIII, trazendo ao Colégio colecções únicas de azulejaria historiada, além de outros apontamentos emblemáticos, caso da Torre do Cruzeiro e, claro, da nova frontaria da Sala dos Actos, a qual de resto conheceria o afeiçoamento do aspecto actual somente no séc. XIX, quando o Colégio detinha outras funções oficiais. O sentido de um progressivo empenho construtivo e de reforço aparatoso seria dominante, tal como se pode reconhecer nos detalhes que emergem como indício de uma intenção de enobrecimento, mantida ao longo de duzentos anos.

**Capela de Nossa Senhora da  
Conceição, sagrada em 1647**

Foto: Susana Rodrigues



## BIBLIOGRAFIA

Maria Ângela Rocha BEIRANTE

Évora na Idade Média (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995)

Ana Maria BORGES e José Alberto Gomes MACHADO

«O Colégio do Espírito Santo», in Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Vol. 26: «Centro Histórico de Évora» (Lisboa, Direcção – Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Abril/2007).

José Eduardo Horta CORREIA

Arquitetura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão (Lisboa, Editorial Presença, 1991)

José Eduardo Horta CORREIA

«A Arquitectura – Maneirismo e 'Estilo Chão'», in História da Arte em Portugal, Vol. 7 (Dir. Vítor Serrão): «O Maneirismo» (Lisboa, Publicações Alfa, 1986).

Túlio ESPANCA

Inventário Artístico de Portugal, Tomo VII: «Concelho de Évora», Vol. I (Lisboa, Academia Nacional de Belas – Artes, 1966).

Maria Luísa GUERRA

A Universidade de Évora – Mestres e Discípulos Notáveis (séc. XVI – séc. XVIII) (Évora, Universidade de Évora, 2005).

José Alberto Gomes MACHADO

«As pinturas a fresco da Sacristia Nova da Igreja do Espírito Santo de Évora», in Actas do II Congresso Internacional do Barroco (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003).

José Filipe MENDEIROS

Os Azulejos da Universidade de Évora (Évora, Universidade de Évora, 2002).

Manuel Francisco Soares do PATROCÍNIO

«A História do Passal e Convento da Mitra» in REVUE. Revista da Universidade de Évora Ano III, N.º 5 (Évora, Universidade de Évora, Junho/2006).

Manuel Francisco Soares do PATROCÍNIO

«A Sacristia Nova da Igreja do Espírito Santo» in REVUE. Revista da Universidade de Évora Ano II, N.ºs 2-3 (Évora, Universidade de Évora, Junho/2005).

Delfim SANTOS

«Universidades», in Dicionário de Literatura (Dir. Jacinto do Prado Coelho), Vol. IV (Porto, Figueirinhas, 1989).

P.º Augusto da SILVA

«A segunda Universidade Portuguesa – A Universidade de Évora», in Anais da Universidade de Évora, Vol. I (Évora, Universidade de Évora, 1991).

Agradecimentos a Cláudia de Sousa Pereira